

PENELA (Germanelo)

A partir de Coimbra tome a estrada nacional EN 347-1, que percorre a zona da Ladeia, e dirija-se até ao Rabaçal. Aqui desvie à sua esquerda para a estrada municipal EM 563, em direção a Espinheiro e Santo Amaro. Uns 2 km à frente, tome o ramal em terra batida, à sua direita, onde está sinalizado o castelo de Germanelo.

Castelo de Germanelo

O CASTELO DE GERMANELO ergue-se no rebordo da Ladeia, um vale que se desenvolve no sentido norte-sul e que foi, desde épocas ancestrais, uma

via natural de comunicação. Nos tempos medievais, os acessos meridionais à cidade de Coimbra eram servidos por duas vias principais: uma estrada ocidental, que se apoiava



Castelo de Germanelo.
Vista aérea (Google
Maps. Imagens ©2023
CNES / Airbus, IGP/
DGRE, Maxar
Technologies, Dados do
mapa ©2023)



Vista general do castelo a partir de norte

Planta



na via romana *Olisipo-Eminium*, que passava por Soure; e uma estrada mais interior, na Idade Média chamada *via de Colimbria*, cujo traçado acompanhava o vale da Ladeia. Por isso, conhecem-se várias referências a incursões muçulmanas que chegaram aos campos do Mondego e de Coimbra passando pela Ladeia (1116, 1144), da mesma forma que há referências a fossados, organizados pelas comunidades cristãs sobre os espaços meridionais controlados pelos muçulmanos, que percorreram igualmente este importante vale. Desde que D. Afonso Henriques transferiu a sua morada regular para a cidade de Coimbra, em 1131, a Ladeia ganhou uma nova importância e foi corredor para ações militares. Temos referências à *presúria* da Ladeia, ocorrida por volta de 1135-1136 e organizada por Fernão Peres *Cativo*, Alferes-Mor (1129-1137) e Mordomo-Mor de D. Afonso Henriques (1146-1155), e o próprio monarca organizou um fossado, por volta de 1139, que ficou memorizado na documentação da época como o “fossado da Ladeia”. D. Afonso Henriques procurou reforçar o povoamento e as defesas desta área instável, mas de importância fulcral, concedendo os foros a Miranda do Corvo, em 19 de novembro de 1136, e outorgando a carta de foral a Penela, em julho de 1137. Para além do castelo de Penela – cujas origens

remontam pelo menos ao tempo do alvazil de Coimbra, D. Sesnando Davides, como o próprio declara no seu testamento –, a defesa da Ladeia apoiava-se em algumas torres. A documentação coeva menciona a torre do Alvorge (do árabe *al burj*, "a torre"), já referida na doação dessa *hereditatem et turrin* ao mosteiro de Santa Cruz, em fevereiro de 1141(?), confirmada pelo Papa em 30 de abril de 1144; à torre da Ateanha, mencionada na notícia da *Chronica Gothorum* de 1142 e em documento de 1160; e à torre de Bera, a única de que ainda sobrevivem vestígios significativos.

É neste contexto que se deve equacionar a fundação do castelo de Germanelo, por D. Afonso Henriques. Na *Chronica Gothorum* diz-se que o monarca começou a erguer o castelo em 1142, no 14º ano do seu reinado. Em [1142-1144] concedeu carta de foral aos povoadores do castelo de Germanelo, reforçando privilégios para atrair mais moradores e criando uma espécie de "couto de homiziados", onde os criminosos que fossem para ali viver ficavam livres de prestar contas à justiça. O diploma régio deverá ser posterior a 1142 (o ano mencionado na *Chronica Gothorum*) e anterior a 1144 (por ainda ser subscrito por D. Bernardo, bispo de Coimbra, que abandonou a cadeira episcopal nesse ano). Os seus limites territoriais foram minuciosamente estudados e identificados por Salvador Dias Arnaut e revistos e atualizados por Jorge de Alarcão. A referência explícita ao *castelli quod Germanellum vocitant* revela-nos que a estrutura militar já existia, embora ainda devesse estar em construção. A fundação do Germanelo inscreveu-se, portanto, na política régia de reforçar as defesas da Ladeia, para controlar as "frequentes incursões e depredações" que os muçulmanos, oriundos de Santarém e do vale do Tejo, faziam nos campos a sul de Coimbra. A *Chronica Gothorum* é bem clara ao referir que a área de *Germanello, Alvorge et Atheania* carecia de melhor povoamento por causa das ameaças muçulmanas. Mas, em 1142, D. Afonso Henriques estava longe de imaginar que cinco anos volvidos, em 1147, conseguiria conquistar Santarém (em março) e Lisboa (em outubro), colocando a linha de fronteira no vale do Tejo. Os problemas de segurança do vale do Mondego ficaram, a partir de então, acautelados. E o Germanelo, castelo de recente fundação, viu-se esvaziado de significado estratégico, acabando por ser abandonado. Segundo Salvador Dias Arnaut, já assim estaria em 1262. Mas o silêncio que as Inquirições de 1220 lhe votam parece indicar que o abandono foi bastante anterior. Na sua curta vida, o castelo não conheceu qualquer reforma. Desta forma, ele é um magnífico protótipo da arquitetura militar portuguesa no tempo de D. Afonso Henriques, antes da chegada de influências forâneas que se sentem nos castelos dos Templários depois do regresso de D. Gualdim Pais, em 1156. A pequena

estrutura do Germanelo reveste-se, assim, de uma importância especial para os estudos de castelologia portuguesa.

O castelo de Germanelo encontrou em Salvador Dias Arnaut (1913-1995) o seu grande estudioso. Em 1941 o professor da universidade de Coimbra adquiriu mesmo o monte do Germanelo, tendo promovido a realização de escavações arqueológicas e o restauro de parte da muralha do castelo. Com efeito, a muralha norte do castelo, que se eleva até à cota do adarve e ostenta parapeito ameadado, resulta de restauro ordenado por Salvador Dias Arnaut. Toda a estrutura do castelo de Germanelo sobrevivia bastante arruinada, nuns sítios à cota de alicerces, noutros sobrevivendo mais, até um máximo de *circa* 3 m de altura, tendo sido necessária a intervenção arqueológica para se colocar à mostra os seus muros.

O castelo do Germanelo foi construído no monte que recebe o mesmo nome, a uma cota absoluta de 363 m. As escavações realizadas no Germanelo, que em 1964 foram dirigidas por João Manuel Bairrão Oleiro, revelaram um pequeno castelo, de planta sub-triangular com cantos arredondados. As suas dimensões máximas são 41,4 m (no sentido oeste-este) por 23,1 m (no sentido norte-sul). A muralha do Germanelo, com uma espessura que oscila entre 1,80 e 2,10 m, foi construída com pedras de calcário de pequena envergadura, de origem local, não aparelhadas ou sumariamente aparelhadas, montadas na estrutura com recurso a argamassa. A muralha é totalmente desprovida de torreões, pormenor importante atendendo a que, na época, já havia muitos castelos que adotavam torreões adossados, para a prática de tiro flanqueado. O acesso ao interior do castelo era garantido por uma única porta, voltada a leste, cuja defesa era reforçada por uma pequena extensão do pano de muralha norte. Não apresenta porta da traição. Salvador Dias Arnaut referia a possibilidade de ter existido uma segunda porta, no extremo ocidental da muralha, embora dizendo que as "escavações não foram absolutamente conclusivas". Não nos parece que tenha existido. No seu interior foram identificados diversos alicerces de construções de planta sub-retangular, adossadas aos panos de muralha, e uma cisterna, de planta circular e de desenvolvimento vertical, com 1,70 m de diâmetro e 3,50 m de profundidade, com paredes devidamente argamassadas. O aprovisionamento de água estava, portanto, devidamente acautelado. Como se referiu, a muralha norte foi profundamente reconstruída por iniciativa de Salvador Dias Arnaut. Aos seus alicerces encostavam-se alguns muros de construções que ficaram parcialmente encobertos pelo recente passadiço de madeira que foi ali colocado, no âmbito do processo de musealização do castelo. Numa delas foi identificada uma lareira. E uma das casas possuía



Interior do castelo.
Muralla norte

um pequeno poço ou silo. Estas estruturas habitacionais destinavam-se à pequena guarnição militar que D. Afonso Henriques para aqui destacou, por forma a garantir segurança aos habitantes da zona.

O povoado civil, distinguido pelo diploma de D. Afonso Henriques, não se localizava dentro deste exíguo pátio, mas devia implantar-se a meia encosta, onde se detetam algumas plataformas. Os trabalhos arqueológicos de 1964 permitiram identificar a "meio da encosta oriental" um muro de uma estrutura com porta voltada a poente, que Salvador Dias Arnaut sugeriu ser a capela de Santa Ana. A uma cota superior haveria outras construções. Mas nem todos os autores localizam aqui a povoação. Rui de Azevedo sugeria que os seus habitantes tivessem acabado por se deslocar para o Rabaçal; Jorge de Alarcão avançou com a possibilidade de se localizar em Barbealho, um pouco a sul do Rabaçal e a ocidente do Germanelo, onde subsistem vestígios de um habitat abandonado.

As escavações promovidas por Salvador Dias Arnaut (dirigidas por Bairrão Oleiro em 1964 e depois continuadas pelo próprio) permitiram a recolha de diverso espólio cerâmico e metálico ("pontas de seta"), parte do qual deu entrada no Museu Monográfico de Conimbriga.

O castelo de Germanelo manteve-se na posse de Salvador Dias Arnaut até ao seu falecimento (1995), tendo passado para seu filho, que o vendeu em 2000. Foi,

recentemente, objeto de classificação patrimonial, como *Sítio de Interesse Público* (Portaria 203/2014, DR 2ª série, nº 51, de 13 de março de 2014) e de musealização.

Texto: MJB - Fotos: MF/MS
Plano: MF/MS/NB (según MJB/CMPe)

Bibliografia

ALARCÃO, J., 2015, pp. 51-86; ARNAUT, S.D., 1939, pp. 37-56; ARNAUT, S.D., 1982, pp. 233-256; ARNAUT, S.D. e DIAS, P., 1983, pp. 8-10 e 77; BARROCA, M.J., 2017b, pp. 146-147; CORREIA, V. e GONÇALVES, A.N., 1953, pp. 211-212; DMP, DR, doc. n.º 156 (de 1136, novembro, 19), doc. n.º 159 (de 1137, julho), doc. n.º 173 (de 1139, julho), doc. n.º 182 (de 1141?, fevereiro) e doc. n.º 190 (de [1142-1144]); LARCHER, J., 1935, pp. 233-248; LPRETO, doc. n.º 577 (de [1142-1144]) e 635b (de 1144, abril, 30); PMH, LEGES, p. 432; PMH, SCRIPT., p. 14; PORTAL DO ARQUEÓLOGO; SIPA.

